

Teatro de muitos sentidos: a experiência de ensino no Centro de Apoio Pedagógico Iapissara Aguilar

*Kely Araújo
Jefferson Fernandes
Malu Maia*

1

Resumo: Esse artigo apresenta o relato da experiência do Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Fundamental, do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, realizado no Centro de Apoio Pedagógico Iapissara Aguiar, que atende alunas e alunos, com deficiência visual, da rede pública de ensino do estado do Rio Grande do Norte. Nessa vivência, o principal objetivo era possibilitar um teatro que pudesse ser feito para e por pessoas com deficiência visual. Se estabelece aqui um caminho e experimentam-se estratégias para uma educação na área do teatro que considere todas as singularidades e os diversos sentidos que proporcionam uma experiência estética orientada pela não visão. A partir da contação de história e da audiocena, explora-se a multissensorialidade como campo de fruição no viés da não visão, ressaltando a importância da acessibilidade que inclua as alunas(os) como agentes no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Deficiência visual; Ensino de teatro; Audiocena; Contação de história.

Introdução

Apresenta-se nessa escrita um pouco do que experimentamos no Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Fundamental, do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O campo de desenvolvimento deste estágio foi o Centro de Apoio Pedagógico Iapissara Aguiar - CAP/RN da cidade de Natal/RN, que atende alunas e alunos com deficiência visual da rede pública de educação do estado.

Ocupamos esse local nas segundas e quintas, revezando entre o horário da manhã e da tarde, do dia 31/05/2022 ao dia 25/07/2022, levando em consideração o recesso que atravessa esse período. A instituição atende estudantes do nível fundamental e médio, no entanto a nossa pesquisa é pautada nas(os) alunas(os) do ensino fundamental. Dessa forma, no primeiro momento, observamos cerca de dez estudantes em uma rotatividade que envolve as disciplinas: Leitura e Escrita, Matemática, Informática Acessível e Música. Em seguida, no segundo momento, começamos a intervenção de forma assídua na disciplina de música.

Compreendendo que a sala de aula deve ser um lugar, antes de qualquer coisa, de possibilidades e acessível a todas e todos, optamos por adentrar ao espaço do CAP para realização do nosso estágio, principalmente por fazermos parte do projeto de extensão “O que Os Olhos Não Veem - A Cena Pelo Avesso e Pelo Verso”, coordenado pelo Prof. Dr.

Jefferson Fernandes Alves, que tem como objeto de pesquisa o teatro e a não vidência, a cena teatral como um “lugar que não se vê”, experimentando assim o contrário da ideia etimológica da palavra teatro e servindo ao espectador o conhecimento e a experiência de um espetáculo pela ausência da visão.

Como menciona Debora Diniz, Lívia Barbosa e Wederson Rufino dos Santos em seu artigo “Deficiência, Direitos Humanos e Justiça”: “Habitar um corpo com impedimentos físicos, intelectuais ou sensoriais é uma das muitas formas de estar no mundo.” (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009, p.65). Entendendo a segregação gritante das pessoas com deficiência visual — particularmente nas escolas regulares que, apesar das políticas de inclusão e acessibilidade garantidas pelo Art.1º da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Nº 13.146, de 06 de julho de 2015 (Brasil, 2015), ainda não são oferecidas condições o suficiente para que a participação seja efetiva e o ensino seja garantido a todas e todos —, nós decidimos atuar nessa área como forma de repensar as práticas e desenvolver caminhos para uma educação que considere outras formas de aprender e de ensinar.

Nesse sentido, trazendo para o âmbito do teatro, é notório que a maioria das práticas artísticas e educacionais se desenvolvem em uma perspectiva visocêntrica, excluindo as demais possibilidades de fruição e atuação. Pensando que:

[...] a consideração das pessoas com deficiência visual como sujeitos de direitos, seres humanos, protagonistas de suas próprias vidas, agentes promotores de experiências, de saberes e de leituras, promotores, portanto, de práticas culturais que dialogam com a vidência do mundo. (ALVES; CEREJEIRA, 2021, p. 14),

podemos compreender que é necessário rever as formas de ensino no campo do teatro de maneira a garantir a inserção dessas pessoas e suas diversas possibilidades. Inserindo-as na cena teatral como espectadores, assim como proponentes e atuantes. Dessa forma, passamos a pensar em oficinas que colocassem as alunas e os alunos nessa posição, indo da construção dramatúrgica até a sonoplastia das cenas, estabelecendo um diálogo sobre o teatro acessível e a ocupação desse lugar por essas pessoas na função de promotoras de novas experiências.

Conhecendo o CAP

O lapissara Aguiar, como já citamos, é um Centro de Apoio Pedagógico às alunas e alunos com deficiência visual. Nesse espaço, os estudantes têm acesso a diversas aulas como a de Leitura e Escrita, na qual pratica-se essas habilidades e uso do braille; Informá-

tica Acessível, onde eles aprendem a fazer uso do computador a partir de programas como Dosvox, que facilitam a comunicação e o manuseio do aparelho por meio de comandos de voz; Matemática, que ensina a manusear, por exemplo, o soroban, utilizado para fazer cálculos matemáticos; Mobilidade, para facilitar a locomoção, aprenderem o que é esquerda, direita, a como manusear a bengala e realizarem ações cotidianas; E, por fim, também fazem aulas de música, aprendendo sobre os instrumentos, ritmos, compassos e sonoridades.

Todo trabalho realizado nessas aulas é bastante individualizado, visto que alguns estudantes possuem baixa visão, então, na aula de leitura e escrita, por exemplo, não necessariamente precisam do braille; outros possuem cegueira total, porém tem mais facilidade com a máquina de escrita do que com o braillex ou com a prancheta. Portanto, esses atendimentos são feitos de acordo com a especificidade de cada aluna ou aluno, fazendo com que eles aprendam e pratiquem os recursos que lhes são favoráveis, sendo possível ampliar suas possibilidades dentro de sala de aula de suas escolas regulares e no seu convívio social.

Uma grande dificuldade encontrada pelo CAP é a constância desses estudantes nas aulas, que, em muitos casos, é impossibilitada. Várias dessas alunas e alunos dependem do Estado, visto que estão em situação de vulnerabilidade econômica, a maioria são dos interiores do Rio Grande do Norte e ficam à mercê do transporte da prefeitura, então quando esse não é disponibilizado, eles não conseguem estar presente. Fora que, infelizmente, muitas pessoas com deficiência visual acabam precisando bastante de outras pessoas para se locomover fora de suas casas, principalmente as alunas e alunos que vão para o CAP, justamente porque a maioria delas ainda são crianças e adolescentes. Dessa forma, quando não há quem leve, eles acabam perdendo aula, fator que complica bastante a situação e faz com que muitos só estejam presentes em um dia na semana e às vezes nem isso.

Além dessas questões, também existem outros pontos que, em muitos momentos, dificultam a participação efetiva e o acompanhamento dessas pessoas. O CAP recebe alunas e alunos com múltiplas deficiências, que não somente visual, como por exemplo, deficiência física, deficiência intelectual, autismo, dentre outras; fazendo com que a dependência para locomoção seja ainda maior e requerendo um atendimento ainda mais individualizado, levando em consideração sua própria aprendizagem, que necessita de uma maior atenção.

Outro ponto é o processo de descoberta da cegueira e a aceitação dos indivíduos e familiares. Nesse período que passamos no centro, percebemos que ainda existem muitos tabus a respeito da deficiência visual e que o processo de transição, principalmente nos casos de cegueira adquirida, é muito delicado para essas pessoas e seus familiares. Nos

momentos de observação, vivenciamos alguns casos de transição para cegueira. Um desses casos, o aluno passava da escrita para introdução ao Braille, sendo necessário todo um trabalho por parte do CAP para que os pais, apesar da resistência, acompanhassem esse processo e auxiliassem na nova fase que se iniciava. A bengala é outro elemento que gera esse movimento nos pais, porque parece reafirmar a cegueira e a condição que agora se instaura.

Nesse sentido, conhecer o espaço do Centro de Apoio nos coloca em um lugar de muitos questionamentos e, principalmente, de mudança, identificando a necessidade constante de revisar nossas práticas e de dialogar com todas as questões que podem surgir no processo de ensino e aprendizagem.

Musicalidade e deficiência

Considerando as aulas de música que se desenvolvem no âmbito das artes na realidade do CAP, delimitamos nosso campo de observação e desenvolvemos, para além do apoio às atividades realizadas nesses momentos, o planejamento de atividades pedagógicas na área do teatro que considerassem os conteúdos abordados pelo professor de música, assim como todo o trabalho que já era feito com as alunas e alunos.

Ao adentrar esse espaço, nos sentimos contempladas com a abordagem que encontramos, uma vez que, como interessadas na área da deficiência visual e teatro, já identificávamos a música e as sonoridades como um dos principais recursos na construção cênica e estética de um teatro acessível. Na disciplina de música são trabalhados conceitos como som e silêncio, intervalos musicais, ritmo, compasso, dentre outros, abordados junto com instrumentos musicais, de acordo com a realidade de cada estudante.

No primeiro momento, trabalhou-se na disciplina o ritmo do Forró, preparando os alunos para o São João e para as possíveis apresentações nessa comemoração, que se deu no mês de Junho. Para além da apresentação musical, os alunos também se prepararam para apresentação de uma dança Pavana, que de acordo com o professor, originou as quadrilhas juninas hoje conhecidas. Auxiliamos nos ensaios e na apresentação desse trabalho que culminou na festa junina, como representado a seguir:



FIGURA 1: Apresentação musical.

Fonte: Acervo do grupo.

Na volta às aulas, após o recesso, realizamos nossa primeira intervenção, que se dá no formato de contação de história, por meio de uma audiocena intitulada “Não Me Disseram Que a Saudade Estava Aqui”. A audiocena consiste em uma cena sonora na qual não temos a visão como norteadora e realizamos a contação com ênfase nos recursos sonoros e sensoriais, com todos os participantes vendados, buscando experimentar a multissensorialidade como possibilidade para um teatro acessível. As autoras Keity Laskos e Maria Elganei Maciel muito bem nos falam que “É importante o professor considerar relevante a contação de histórias para o desenvolvimento dos alunos, pois esta é uma forma de aprimorar sua visão de mundo.” (LASKOS, ELGANEI, 2017, p. 16).

Assim, considerando as sonoridades abordadas dentro da contação de história também como fonte do despertar imagético, estimula-se o diálogo e a prática acerca da acessibilidade, com o objetivo de abrir espaço para que as(os) estudantes possam desenvolver narrativas pessoais e compartilhá-las a partir da fruição dessa história.

Levando em conta, principalmente, que as(os) participantes se utilizam de outras formas de interpretar o mundo, que não pela visão, sendo esse um recurso ainda centralizado nos ambientes de ensino e em processos artístico-culturais, como menciona Thiago Cerejeira em sua dissertação: “Poéticas da voz e deficiência visual: o diálogo entre peça sonora, contação de histórias e audiodescrição na escola.”:

Há um arranjo, uma estruturação que também conduz ao prazer, conduz à questão da leitura, ao exercício do sensível, das matrizes que vem do campo da escuta, que é o

Nesse sentido, utilizamos a contação de história e a audiocena como recursos ampliadores dos sentidos, fazendo com que fosse possível adentrar um novo espaço e um lugar do sensível que iria possibilitar, no segundo momento, a narração das sensações evocadas por essa experiência e também as narrativas pessoais que nesse instante fariam sentido para elas e eles compartilharem.

Para além dos estudantes, algumas mães e professores participaram desse momento (Figura 2). Logo após a audiocena, iniciamos o diálogo sobre os personagens que compunham a história, as sonoridades e quais os elementos sensoriais que eles mais haviam gostado. Rapidamente, responderam sobre o cheiro do café, o vento forte e as gotinhas de água que sentiram na experiência:

ALUNO 1: *Eu gostei do cheiro de café.*

ALUNA 2: *De onde está vindo o som? Passou um ventão.*

ALUNO 3: *Eu imaginei a sereia careca.*

PROFESSORA 1: *Vocês jogaram água?*

Muitos diálogos surgiram a partir da audiocena e tantos os alunos, como os professores e pais que participaram, sentiram vontade de comentar sobre a experiência, principalmente por terem acessado memórias do tempo da infância e porque, alguns deles, nunca haviam participado de uma experiência assim.



FIGURA 2: Fruição da audiocena.
Fonte: Acervo do grupo.

Ao questionar sobre as músicas e sonoridades percebidas, imediatamente eles começaram a identificar os instrumentos musicais presentes, os sons que compunham a paisagem sonora e os ritmos. Alguns se atentaram aos detalhes sonoros mais explícitos, outros tiveram sua atenção voltada aos passos que apareciam em uma segunda camada sonora ou até mesmo a flauta que passava na música em segundo plano, mas todos eles conseguem identificar os recursos e entender de que forma esses conseguem auxiliar na narrativa. Compreendendo melhor a maneira que essas alunas e alunos se colocavam dentro de cena, seguimos o nosso planejamento, em diálogo com os professores e a coordenação para a próxima proposição.

Após nossa intervenção, na disciplina de música se deu início a contextualização do Folclore Brasileiro, considerando que essa data estava próxima. O professor começou a inserção do gênero musical Coco de roda, fazendo uso das narrativas nordestinas que mais se aproximam da realidade dos alunos e que, mesmo desconhecidas para alguns, está intimamente relacionada a nossa região.

Em diálogo com o professor, começamos a trabalhar com o Coco de roda pensando nele como possibilidade para nosso experimento seguinte, que se utilizaria das lendas folclóricas para criar, junto com os alunos, uma audiocena, que agora contava com eles no lugar de propositores e criadores.

Teatro de Muitos Sentidos

Seguindo a perspectiva da contação de história, iniciamos o processo de construção da audiocena, a partir do Folclore Brasileiro. Apresentamos algumas lendas para que as alunas e alunos escolhessem uma, que seria desenvolvida pensando na experiência da não vidência. A primeira leitura tinha como intuito a identificação dos personagens e elementos centrais dessas narrativas que, por meio do diálogo, vão se aproximando da realidade de cada um ou, até mesmo, suscitando a memória de outras histórias já ouvidas por elas(es).

A turma da manhã escolheu trabalhar com a Lenda da Manioca e a turma da tarde com a Lenda da Vitória Régia. Após escolherem, iniciamos outra leitura, agora mais devagar, para que cada um pudesse se atentar aos elementos que surgiam, pensando em sons, cheiros, músicas e objetos que poderiam ser utilizados como potencializadores desta audiocena. Ao decupar as partes da narrativa, fomos aos poucos identificando as possíveis inserções, as alunas(os) participaram efetivamente e foram eles que identificaram e escolheram todos os elementos.

Conforme passávamos cada parte, íamos registrando as observações, como no fragmento da Lenda da Manioca:

Mas a menina continuava quieta, cheia de sonhos na cabecinha. Mani parecia esconder um mistério (Suspense com som do tambor). Uma bela manhã, não se levantou da rede. O pajé foi chamado. Deu ervas e bebidas à menina (Aluno 1 e Aluna 2 passando o cheiro). Mas não atinava com o que tinha Mani. Toda a comunidade andava triste. Mas, deitada em sua rede, Mani sorria, sem doença e sem dor. (Música: Aluno 3 - os demais tocam seus instrumentos).

Para as inserções cada um trazia uma ideia, era possível perceber que estavam à vontade para falar, compartilhar seus pensamentos, história e se colocarem como criadores da cena. A turma da manhã, que contava com mais jovens e adultos, participou de forma mais espontânea, pedindo para falar, para ser um personagem e até agindo na hora da cena com a inserção de um som ou instrumento. O jogo de atenção que se estabeleceu possibilitou o engajamento de todos na atividade e evidenciou o ânimo de estarem produzindo um material que possivelmente seria assistido por outras pessoas na condição também de não videntes.



FIGURA 3: Construção da audiocena com a turma 1.

Fonte: Acervo do grupo.

Após concluir todas as partes da cena, passamos, algumas vezes, para fixar e marcar bem cada elemento, até que todas e todos estivessem confiantes e seguros em seu papel. Considerando a culminância do folclore que acontecerá nos dias 22 e 25 de agosto, as(os) professoras(es) continuam ensaiando a audiocena para que possam apresentar nessas datas para os familiares que participarão desse momento.

Considerações finais

Olhando com cuidado todo o percurso do Estágio Supervisionado de Formação de Professores III, chegamos até aqui com a certeza de que estamos apenas no começo de um caminho que enxerga a educação como um lugar de potencialidades, que considera todas e todos e não determina limites para participação efetiva dessas pessoas.

Essa experiência evidencia uma vontade enorme por parte das alunas e alunos com deficiência visual de ocupar o lugar da cena, de criar, estar no palco e fazer parte de algo que, na maioria das vezes, negligencia sua participação. Muitas são as possibilidades, nesse relato traçamos apenas uma das formas de fazer com que o Teatro chegue e se faça para todas as pessoas.

O ganho não se dá apenas para nós, que vivenciamos um rico trajeto na formação das professoras que estamos nos tornando, mas também para o CAP, coordenação e professoras (es), que identificam a importância de atividades como essa e incentivam a realização, percebendo o desenvolvimento dos alunos e as habilidades artísticas de cada um. Ainda mais, acreditamos ter alcançado algumas casas, de mães e pais que agora veem seus filhos ocupando lugares que ainda não haviam ocupado, é nesse momento que ressaltamos: é possível! E eles sabem e mostram que conseguem.

Isso nos leva a compreensão larrosiana de experiência:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (BONDÍA, 2002, p. 21).

Esperamos que esse tempo de convívio e aprendizagem tenha sido um acontecimento, ressignificando trajetórias e incentivando pessoas a ocuparem os lugares que são, por direito, delas.

Referências

ALVES, Jefferson Fernandes; CEREJEIRA, Thiago de Lima Torreão. Visualidade e áudio-descrição: a cena teatral sob o ponto de vista da deficiência visual. *Revistas Aspas. USP*, vol. 10. n.2, p. 08-23, 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 nº 19, p. 20-28.

BRASIL. Lei nº 13146, de 06 de julho de 2015. Brasília.

CEREJEIRA, Thiago de Lima Torreão. Poéticas da voz e deficiência visual: o diálogo entre peça sonora, contação de histórias e audiodescrição na escola. 2020. 278f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

DINIZ, Debora; BARBOSA, Livia; SANTOS, Wederson Rufino dos. Deficiência, direitos humanos e justiça. Revista Internacional de Direitos Humanos, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 65-77, dez. 2009.

LASKOS, Keity. Contação de História na Educação Infantil: O Despertar da Imaginação. Orientadora: Maria Elganei Maciel. 2017. 33f. TCC (Graduação) – Licenciatura em Pedagogia, Instituto Superior de Educação Sant’Ana, Ponta Grossa, 2017. Disponível em: Contação de História na Educação Infantil: O Despertar da Imaginação | Trabalhos de Conclusão de Curso - Faculdade Sant’Ana (iessa.edu.br).
